

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes:



**Teorias e práticas interdisciplinares
em espaços educativos**

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes:



**Teorias e práticas interdisciplinares
em espaços educativos**

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Linguística, letras e artes: teorias e práticas interdisciplinares em espaços educativos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: teorias e práticas interdisciplinares em espaços educativos / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-495-2
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.952212009>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.
CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: TEORIAS E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES EM ESPAÇOS EDUCATIVOS**, coletânea de vinte e dois capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários e estudos em educação, práticas pedagógicas e ensino.

Estudos literários traz análises sobre autores como Gil Vicente, Woody Allen, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector e David Gonçalves.

Em estudos em educação, práticas pedagógicas e ensino são verificadas contribuições que versam sobre formação docente, formação de leitores, segunda língua, ensino de línguas, atuação presencial e remota, metodologias ativas, educação escolar indígena, EaD.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DOCTRINA E COMPOSIÇÃO ARTÍSTICA NO *AUTO DA CANANEIA* (1534), DE GIL VICENTE

Alexandre Soares Carneiro


Maryna Galliani Falcão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522120091>

CAPÍTULO 2..... 7

UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO CONTO “O CASO KUGELMASS”, DE WOODY ALLEN

Mariana Alice de Souza Miranda


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522120092>

CAPÍTULO 3..... 16

O TABU DO OBJETO: O FUNCIONAMENTO DO MECANISMO DE CONTROLE DO DIZER NO LIVRO “LOVE UPON THE CHOPPING BOARD”

Jéssica Akemi Kawano Ribeiro


Roselene de Fátima Coito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522120093>

CAPÍTULO 4..... 24

A LITERATURA AFROAMERICANA NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FURB, ENTRE 1994 E 2004

José Endoença Martins


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522120094>

CAPÍTULO 5..... 36

A MARGINALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Marcos Antônio Fernandes dos Santos

Geize de Jesus Silva de Sousa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522120095>

CAPÍTULO 6..... 50

SENTIDOS DA PAIXÃO: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Ranyelee da Silva

Francisco Afrânio Câmara Pereira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522120096>

CAPÍTULO 7..... 56

RESSIGNIFICAÇÕES DA MEMÓRIA NAS NARRATIVAS FICCIONAIS DE DAVID GONÇALVES

Cladir Gava

Taiza Mara Rauen Moraes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522120097>

CAPÍTULO 8..... 65

A (DE) FORMA-AÇÃO DE UM PROFESSOR CARTÓGRAFO: COMO CHEGAMOS A “SER” PROFESSOR?

Jorge Garcia

Alberto d’Avila Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522120098>


CAPÍTULO 9..... 75

FORMAÇÃO CONTINUADA NA PERSPECTIVA DA TEORIA DESENVOLVIMENTAL: SENTIDOS E REFLEXÕES

Sandra Maria Araújo Vilela

Kelly Cristina Ferreira

Thainara Nominato Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9522120099>

CAPÍTULO 10..... 86


O AVANÇO E AS TRANSFORMAÇÕES DA ESCRITA: O ATRIBUTO DO PROFESSOR COMO MEDIADOR NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Sinthia Moreira Silva

Camila do Rosario Silva Barreto

Nayara Felicíssimo Amaral

Sibele Souza Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200910>

CAPÍTULO 11..... 99

EL MIEDO COMO OBSTÁCULO PARA APRENDER UNA SEGUNDA LENGUA

Gabriela Madrigal Barragán

Dora Alicia Daza Ponce

Bertha Guadalupe Rosas Echeverría

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200911>

CAPÍTULO 12..... 105

BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL

Ezequias Felix de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200912>

CAPÍTULO 13..... 115

AS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA ESCRITA EM LÍNGUA INGLESA

Diana Vasconcelos Lopes

Eduardo Barbuio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200913>

CAPÍTULO 14..... 128

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS: SUBPROJETOS DE INGLÊS DO PIBID E RP


Ana Karina de Oliveira Nascimento
Maria Amália Vargas Façanha
Marlene de Almeida Augusto de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200914>

CAPÍTULO 15..... 142

VAZANTE: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DE UMA ANÁLISE FÍLMICA


Larissa Chaves Pinto
Túlio Henrique Pinheiro
Jordânia Grazielle de Souza
Jocimara Fernandes de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200915>

CAPÍTULO 16..... 152

ATUAÇÃO PRESENCIAL E REMOTA DO PROJETO LIBRAS- AMPLIANDO O CONVÍVIO SOCIAL


Camila Giacomini Guimarães
Mona Cristina Esper
Maria Clara Luciano Silva
Alline Moraes de Sousa
Ana Beatriz Pereira Araujo
Celina da Conceição Simi
Isabelle Coelho Mota
Kang Hey Won
Natália Mendes Rodrigues
Paola Cosme Jesus
Raquel Leliz de Almeida Maito
Isabella Monteiro de Castro Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200916>

CAPÍTULO 17..... 164

PROGRAMA CONTA PRA MIM: EDUCAÇÃO ESTÉTICA OU PEDAGOGIA MORAL?


Gong Li Cheng





 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200917>

CAPÍTULO 18..... 177

AS METODOLOGIAS ATIVAS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

Geova Rodrigues Pinheiro
Maria Raimunda Ramalho da Silva
Marcilene Alves de Assis Araujo
Lucas dos Santos Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200918>

CAPÍTULO 19	197
ASSUJEITAMENTOS DISCURSIVOS E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: ENTRE CANIBAL PRÓSPERO	
Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200919	
CAPÍTULO 20	213
FOLCLORE EM HQ NA TÉCNICA MANGÁ: UMA STORYTELLING PROMOVEDO O ENGAJAMENTO DURANTE O ENSINO REMOTO NA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE PE	
Rosângela Maria Dias da Silva Jane Gomes de Andrade Maria Ferreira de Paula	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200920	
CAPÍTULO 21	228
POTENCIALIDADES DO FÓRUM DE DISCUSSÃO EM EAD VIA PLATAFORMA <i>MOODLE</i> NO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS NEAD/UESPI	
Delzenete de Sousa Barbosa Ederson Dias de Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200921	
CAPÍTULO 22	241
GRUPO DE HABILIDADE DE VIDA: O SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR EM LINGUAGENS	
Vanessa Cristina Alves da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.95221200922	
SOBRE O ORGANIZADOR	251
ÍNDICE REMISSIVO	252

A MARGINALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 12/08/2021

Marcos Antônio Fernandes dos Santos

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) /
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(UFMS)
São João dos Patos – MA
<http://lattes.cnpq.br/8554669470968252>

Geize de Jesus Silva de Sousa

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
São João dos Patos – MA
<http://lattes.cnpq.br/3805899396512734>

RESUMO: O artigo se propõe a investigar sobre a marginalização da mulher negra na escrita autobiográfica de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, discorrendo sobre a relevância da escrita literária da autora, especialmente por ser produto e reflexo da vida de uma mulher negra semianalfabeta, que vem da margem, e se utiliza da escrita como forma de desabafo, de denúncia, e através de seus relatos, nos revela o mundo em que ela e demais favelados viviam como pessoas invisíveis. Os pressupostos teóricos que embasaram esta pesquisa foram: Cândido (2006), Regina Zilbermam (2008), Klinger (2012), Lejeune (2008), Djamila Ribeiro (2017), entre outros. A pesquisa é de caráter qualitativo, tem procedimentos bibliográficos e consiste numa análise crítica da escrita de Carolina. Os resultados mostram que a obra de Carolina Maria

de Jesus apresenta temas bastante relevantes para a sociedade, que ainda se perpetuam até os dias atuais, e principalmente, que o valor literário da escrita da autora é inestimável para a literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita Marginal. Literatura. Carolina de Jesus. Favela. Mulher Negra.

THE MARGINALIZATION OF THE BLACK WOMAN IN THE AUTOBIOGRAPHICAL WRITING OF CAROLINA MARIA DE JESUS

ABSTRACT: This article aims to investigate the marginalization of black women in the autobiographical writing of Room eviction :diary of a slum, of Carolina Maria de Jesus, discussing the relevance of the author's literary writing, especially because it is a product and reflection of the life of a semi-illiterate black woman, who comes from the margin, and uses writing as a form of outburst, denunciation, and through her accounts, reveals to us the world in which she and other slums lived as invisible people. The theoretical assumptions that supported this research were: Cândido (2006), Regina Zilbermam (2008), Klinger (2012), Lejeune (2008), Djamila Ribeiro (2017), among others. The research is qualitative, has bibliographic procedures and consists of a critical analysis of Carolina's writing. The results show that the work of Carolina Maria de Jesus presents themes very relevant to society, which are still perpetuated to this day, and especially, that the literary value of the author's writing is invaluable for Brazilian literature.

ABSTRACT: Marginal Writing. Literature.

INTRODUÇÃO

Muitos são os teóricos que discutem sobre a produção literária brasileira e o quanto ela contribui para o desenvolvimento intelectual do ser humano. Com isso, a literatura marginal (entendida como a escrita de minorias desfavorecidas socialmente) que durante muito tempo esteve numa esfera de exclusão social, pois a maioria dos escritores, ao longo da história, foram homens brancos e de classe social elevada, está se tornando uma nova tendência, e aumentando ainda mais as necessidades de tais produções e de discussões sobre elas. Cândido (2011), nos diz que a literatura é muito ampla e está presente em todas as esferas sociais, a favor da existência humana.

A literatura está intimamente relacionada com a existência humana. A exemplo, temos casos como o da escritora Carolina Maria de Jesus, que envereda pelo terreno da escrita autobiográfica, quando em sua obra *Quarto de Despejo*, mostra uma história de lutas pela sobrevivência, o preconceito que sofreu por ser mulher, negra, favelada e semianalfabeta, e que mesmo diante das dificuldades não abriu mão de seu grande sonho, que era o de ser escritora e poder oferecer um lugar digno de moradia para seus filhos. Na obra, ela fala do lugar da margem, da exclusão social, o que legitima ainda mais sua escrita, a qual é reflexo de suas vivências. Ou, como diria Conceição Evaristo, “escrevivência”.

A obra em questão teve grande repercussão mundial, foi sucesso de vendas em diversos países. Entre os vários aspectos de sua escrita, a autora critica de forma assídua a barreira criada pelo racismo e pelo descaso social, e relata como esse problema impede que ela atinja o seu lugar de fala, uma vez que Carolina vivenciou essa marginalização de dentro da favela. Com este artigo, objetivou-se investigar sobre a marginalização da mulher negra na escrita autobiográfica de *Quarto de despejo*. Dessa maneira, abre-se possibilidades para discutir o espaço desse tipo de escrita no âmbito da criação literária brasileira, como sendo representativa do lugar de onde falam seus escritores.

Nesse sentido, a presente busca-se responder ao seguinte questionamento: De que forma a escrita autobiográfica de Carolina Maria de Jesus legitima e atribui lugar de fala à mulher negra? A relevância dessa investigação reside na necessidade de valorização das mais diversas formas de existência e de reflexão a respeito da produção de escritores que viveram à margem da sociedade e que, através de seus escritos, romperam fronteiras e conquistaram o direito à fala. Assim, evidencia-se que a base dessa escrita é o lugar de fala de homens e mulheres que por muito tempo foram silenciados.

A FUNÇÃO DA LITERATURA NA SOCIEDADE

A literatura está presente desde muito tempo na sociedade e com ela mantém

íntimas relações. Sobre o conceito de literatura, não existe uma definição pronta e acabada que possa defini-la, especialmente porque a experiência de cada ser humano com ela é singular, assim como as influências que ela exerce sobre nós. Portanto, podemos ser encantados pela leitura prazerosa de um bom livro, o que nos permite explorar novos universos psicossociais. Sobre o poder da literatura, Regina Zilberman (2008), nos diz que:

A literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. (ZILBERMAN, 2008, p. 17).

Dessa forma, pode-se dizer que a leitura nos mantém vivos e através dela somos lapidados, tornando-nos capazes de construir e de transformar o universo a nossa volta, despertando para novas experiências e desfrutando do prazer estético que a mesma proporciona. Vivemos numa realidade que a cada dia nos apresenta novos paradigmas, concepções, e nesse contexto, o texto literário vem atuando sobre questões sociais e históricas, de maneira que, inclusive, historiadores e pesquisadores de diversas áreas já se debruçaram sob textos literários para a compreensão de seus questionamentos. Segundo Pesavento (2003):

Tanto a História quanto a Literatura são discursos distintos que almejam representar as experiências dos homens no tempo, assim: “ambas são formas de representar inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história, e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor. (PESAVENTO, 2003, p. 81).

Nesse sentido, a literatura se constitui como num agrupamento de obras que também apresenta questões sociais e históricas, mas que, acima de tudo, sua leitura depende de leitores fluentes que desvendem seus mistérios, de maneira que texto e leitor atuam de forma conjunta, interagem. Os escritores de literatura criam seus textos, e mesmo que de maneira despreziosa contribuem com a sociedade, seja pelos conhecimentos que tais obras trazem, seja pela experiência estética que as mesmas proporcionam ao homem. Assim, Candido nos relata que:

a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2006, p. 77).

O livro e o texto literário nem sempre foram acessíveis a todos os leitores, ou seja, nem sempre estiveram à disposição das diversas classes sociais. Com o decorrer dos anos, a literatura se tornou mais acessível ao público em geral, fornecendo, assim, aos menos favorecidos pela educação, a oportunidade de ler, apreciar o prazer do texto e

até mesmo de expressar sua arte, o que permitiu aos marginalizados a conquista, aos poucos, de espaço e visibilidade na sociedade. Eles, em suas escritas que refletem suas vivências, trouxeram temáticas que no fundo dizem respeito a sociedade como um todo e não somente a si mesmos e a seus semelhantes. Desse modo, o contato com os textos literários nos faz perceber o quanto a literatura é importante e cheia de contribuições para com a humanidade.

LUGAR DE FALA E FEMINISMO NEGRO

Lugar de fala é um termo muito usado em movimentos representados por mulheres negras, e pessoas da comunidade LGBTQIA+, por exemplo, que de acordo com Coelho (2020) buscam espaço e reconhecimento na política, nas Universidades e em todas as esferas sociais. As mulheres negras representam um dos grupos sociais que estão constantemente em busca de espaço e voz, pois entre as mulheres, são as que mais tem sofrido preconceito, sendo silenciadas, além de por seus próprios companheiros, por uma série de outros dispositivos sociais para aos quais a conquista de visibilidade não é conveniente. Muitas mulheres ainda não dispõem de um lugar social bem posicionado, e em muitos casos, são oferecidos a elas cargos em trabalhos de posições inferiores, ganhando, inclusive, menores salários, em relação a homens que às vezes ocupam as mesmas ou posições semelhantes.

Mesmo diante de muitas discussões e estudos realizados sob a perspectiva do feminismo, muitas pessoas ainda não entendem o que de fato as mulheres feministas buscam, criam visões errôneas acerca da causa. Bell Hooks (2013), relata que a luta pelo sexismo (discriminação baseando-se no sexo, como por exemplo: a mulher por ser mulher não dirige bem) é para erradicá-lo, e que todos, inclusive mulheres, desde crianças, são instruídos a desenvolverem concepções sexistas, tornando assim o homem ainda mais egocêntrico. Sobre a importância do movimento de mulheres negras no Brasil, Barros (1995), nos afirma que:

Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras: luta contra o sexismo ou contra o racismo? – já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas uma não existe sem a outra. (BAIRROS, 1995, p. 461).

Diante de diversas atrocidades cometidas contra elas, ao longo do tempo mulheres se uniram em prol de criar o movimento feminista, impulsionadas pelo desejo de justiça e em busca de reivindicação por igualdade de direitos. Com isso, o movimento feminista nasce com um estilo próprio de representação, atribuindo voz a uma classe marginalizada, para que assim possam expressar suas inquietações, e que tenham legitimidade em suas

lutas em prol do fim de discriminações sociais.

Ainda que o movimento feminista tenha sido de suma importância para a valorização da mulher e para a conquista de direitos importantes, as mulheres negras, em muitos casos, não se encontraram representadas pela causa. A história nos evidencia a ausência de um olhar étnico-racial voltado para as causas feministas, o que acabou invisibilizado as mulheres negras e suas pautas. Surge, nesse sentido, a necessidade de uma vertente feminista que se ocupe das necessidades desse grupo, contemplando suas vidas e seus corpos, é o feminismo negro. Conforme aponta Djamila Ribeiro:

A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que essa mulher não tenha seus problemas sequer nomeados. E não se pensa saídas emancipatórias para problemas que sequer foram ditos. A ausência também é ideologia. Muitas feministas negras pautam a questão da quebra do silêncio como primordial para a sobrevivência das mulheres negras. (RIBEIRO, 2016, p. 101).

Assim, para representar esse grupo que por muito tempo fora excluído, conferindo-lhes lugar de fala, as mulheres negras escritoras exercem sua arte com o ideal de conquistar espaço na vida pública, na política e na sociedade, como nos afirma Davis (1982):

Vamos mais longe, e exprimimos a nossa convicção de que todos os direitos políticos que são um recurso para os homens exercerem, são-no igualmente para a mulher. Tudo o que distingue o homem como um ser inteligente e responsável, é igualmente verdadeiro para a mulher, e se o governmento apenas é justo com governos livremente consentidos pelos governados, não há razão no mundo para negar à mulher o exercício de direitos, ou a participação em administrar a lei e a terra. (DAVIS, 1982, p. 43).

Portanto, com esse histórico de lutas e de superações, as mulheres negras vêm se destacando no meio literário, deixando de ser a personagem de escritores brancos, que representavam a mulher negra a partir de uma visão estereotipada, em que eram objetos de encenações sexistas. Segundo Evaristo (2009), as mulheres negras eram representadas na literatura como personagens que não tinham nenhum valor de representação próprio, eram tidas como submissas, ocupavam o lugar de escravidão, estavam ali pra servir ao homem e nada mais. Ou seja, eram marginalizadas e sequer poderiam exercer qualquer papel de maior prestígio.

Não é somente o negro(a), que tem o direito de conquistar lugar de fala, mas sim, todas as pessoas que de certa forma são excluídas socialmente. Elas possuem o direito de lutar por tudo que almejam, para que suas vozes não sejam silenciadas por dispositivos sociais diversos. Nesse sentido, esse direito que os grupos menos favorecidos buscam, ou seja, a fala, consiste na conquista de um novo horizonte. Para Djamila Ribeiro (2017):

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem

a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo. (RIBEIRO, 2017, p. 36).

Falar em nome de si, é se dar o direito de participar, opinar, defender os seus ideais. Se permitir a ouvir a voz do outro, é também se reconhecer e saber qual espaço ocupar a partir daí. Carolina Maria de Jesus, por exemplo, através de sua escrita, de sua fala, vem representando a voz dos favelados, que são marginalizados e, portanto, não possuem a autonomia, a segurança de falar, para lutar por seus direitos.

A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Segundo Santos (2015), a história de vida de um indivíduo e suas inquietações, em muitos casos acarreta na necessidade de explicá-la, seja como desabafo ou como forma de superação. Em muitos textos, observam-se sujeitos falando de suas aflições ou conquistas, através de conversas (direta ou indireta) com o outro. Algumas pessoas expressam essa necessidade de se comunicar através de um diário íntimo (ou forma similar), é a escrita de si, a autobiografia, que está centrada no eu e costuma representar a vida e acontecimentos do cotidiano. Para Philippe Lejeune, a autobiografia é “qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele” (LEJEUNE, 2008, p. 53).

Sobre o conceito, Foucault (2017), define diversas analogias a respeito da escrita de si, sendo uma delas a “*anacorese*”, que liga uma situação de perigo através de um olhar ou pensamento, um eu solitário que busca na escrita uma forma de companheirismo (ou desabafo). Outra analogia segundo Foucault (2017) é a “*ascese*” em que o sujeito, se deixando levar pelo interior de sua mente, desenvolve uma espécie de trabalho, focado nas ações e nas suas convicções. Sobre a escrita autobiográfica, Diana Klinger (2012, p. 27), comenta que “o século XX continuará a crítica e a desconstrução do sujeito, cuja culminação se encontra na declaração de Foucault da “morte do autor” na literatura [...]”.

A narração autobiográfica, de acordo com Pedro Galas Araújo (2011), faz com que o sujeito tenha uma visão mais detalhista sobre a realidade, e consiste também em uma forma de prender a atenção do leitor. Nesse sentido, Gomes (2004) nos afirma que:

A escrita de si assume subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade. Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” – como a literatura tem designado – que se exprime na primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões “íntimas e profundas” que assume sua autoria. Um tipo de texto em que a narrativa se faz de forma introspectiva, de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua autoridade, sua legitimidade como “prova”. Assim a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade e de sua singularidade. (GOMES, 2004, p. 14-15).

Portanto, a escrita de si, tem grande relevância na construção histórica de um

indivíduo, fazendo com que ele tenha uma percepção de sentimentos e sentidos cada vez maiores em relação a vida e ao meio em que vive. Esse é o caso, por exemplo, dos escritos de Carolina Maria de Jesus, que passou a vida inteira na favela, e tinha na escrita a possibilidade de desabafo e denúncia sobre tudo aquilo que vivia e presenciava. A escrita de si representa a vida, um conjunto de memórias, e de acordo com Foucault:

É a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve; todavia, tal como um homem traz no rosto a semelhança natural com os seus antepassados, assim é bom que se possa aperceber naquilo que escreve a filiação dos pensamentos que ficaram gravados na sua alma. Pelo jogo das leituras escolhidas e da escrita assimiladora, deve tornar-se possível formar para si próprio uma identidade através da qual se lê uma genealogia espiritual inteira. Num mesmo coração há vozes altas, baixas e medianas, timbres de homem e de mulher [...]. (FOUCAULT, 1992, p. 144).

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, Minas Gerais, onde estudou apenas até a segunda série do ensino fundamental I, na escola Allan Kardec, primeira escola espírita do Brasil, que era mantida por pessoas da alta sociedade. A escola era mantida pela patroa de sua mãe, a Sra. Maria Leite de Barros. Desde então, Carolina desenvolveu o gosto pela leitura e passou a ler livros e revistas emprestados por uma vizinha, foi aí que teve o contato com obras literárias como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

De acordo com a entrevista realizada em 22 de outubro de 2020, no programa Guia Negro Entrevista, Vera Eunice de Jesus Lima (filha de Carolina Maria de Jesus) relata que:

Ainda em Sacramento, Carolina e sua mãe foram acusadas de roubar, o que levou sua mãe à **prisão**, onde ficou até que descobrissem que não houve roubo algum. No entanto, o acontecido foi marcante para Carolina, que largou tudo e mudou-se para São Paulo. Chegando em São Paulo, começou a trabalhar na casa do médico Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, onde passava suas folgas na biblioteca da casa. Depois de ficar grávida, não pôde mais trabalhar na casa e, então, passou a viver de pegar papel na rua, separando os melhores papéis para a sua escrita diária. (EUNICE, 2020, informação verbal).

Após viver pelas ruas, Carolina ganha da igreja, madeira para a construção de seu barraco, então, a escritora tem mais dois filhos, e para garantir seu sustento envereda pelo lixo, em busca de comida. O que muitos ao seu redor não sabiam, é que ela desde pequena sonhava com a vida de escritora, e escrevia bastante nos papéis que recolhia do lixo. Para ela, a escrita tinha o dom de acalmar os ânimos, estava sempre escrevendo sobre si e a respeito de seus vizinhos.

Sua obra *Quarto de Despejo, diário de uma favelada*, que em sua estrutura é muito semelhante a um diário, representa a força e a coragem de uma mulher negra, que relata sobre o que é ser negro e favelado na cidade grande, e não dispor de nenhuma assistência pública ou privada. Em um trecho da obra, Carolina nos fala: “tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão,

sabão e leite para Vera Eunice” (JESUS, 2020, p. 12). Ela comenta que está sempre em “falta”, por não conseguir dinheiro suficiente para suprir às suas necessidades e a de seus filhos. Percebe-se, assim, que a escrita literária de Carolina Maria de Jesus é, na verdade, uma performance de sua existência. De acordo com Diana Klinger:

Tanto os textos ficcionais quanto a atuação (a vida pública) do autor são fases complementares da mesma produção de uma subjetividade, instâncias de atuação do eu que se tencionam ou se reforçam, mas que, em todo caso, já não podem ser pensadas isoladamente. O autor é considerado como sujeito de uma performance, de uma atuação, um sujeito que “representa um papel” na própria “vida real”, na sua exposição pública, em suas múltiplas falas de si, nas entrevistas, nas crônicas e autorretratos, nas palestras. (KLINGER, 2012, p. 50).

Mesmo com a vida de atribuições decorrente de seu dia a dia como catadora de lixo, ainda tem que lidar com os maus vizinhos que não gostam de suas crianças. Todas as vezes que retorna para seu barraco, ouve relatos de maus tratos cometidos pelos vizinhos para com seus filhos:

Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou a impricar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com uma criança! Às vezes eu saio, ela vem até minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela. (JESUS, 2020, p.15-16).

Esse e vários outros acontecimentos, fez com que Carolina desenvolvesse ainda mais o desejo de escrever para poder comprar uma casa de alvenaria e sair da favela com seus filhos. Um sonho que se concretizou, pois com a sua escrita, teve o prazer de desfrutar de um pouco mais de conforto. Foi uma vitória imensa, já que Carolina não pertencia à classe dos letrados, e ainda sendo uma escritora negra semianalfabeta, quebrou paradigmas e mostrou para a sociedade que não existe uma única forma de escrever.

Em seu diário, Carolina luta por um mal que é bastante corriqueiro na vida do favelado, do brasileiro que vive em situações precárias. Esse mal é a fome, que tem seu efeito comparado, por Carolina, ao álcool. Em determinado ponto, ela diz não conseguir ir adiante porque tem fome.

27 de maio de 1958 – A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago.

Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? [...]

O Léon pegou o papel, recibi seis cruzeiros. Pensei em guardar para comprar feijão. Mas vi que não podia porque o meu estômago reclamava e torturava-me.

...Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.

...A comida no estômago é como combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. Meu corpo deixou de pesar. [...] Eu tinha a impressão que eu deslizava no espaço. Comecei a sorrir como se eu estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida. (JESUS, 2020, p. 44-45).

É comovente a forma como Carolina descreve o que a deixa inquieta, como em situações do tipo quando amanhece o dia e ela não tem nada o que colocar no fogo, pois até ter panela no fogo é sinônimo de alegria na casa. A luta de Carolina por comida era grande, ao ponto de que quando não conseguia, chegava a pensar em tirar sua própria vida.

Encontrei com a dona nenê, a diretora da escola municipal, professora do meu filho João José. Disse-lhe que ando muito nervosa e que tem hora que penso em suicidar. Ela disse-me para eu acalmar. Eu disse-lhe que tem dia que não tenho nada para os meus filhos comer. (JESUS, 2020, p. 10).

A obra nos revela um olhar mais atento ao dia a dia nas favelas, sobre como a pobreza era exorbitante, e como os governantes tentavam mascarar as desigualdades sociais vivenciadas pela população mais pobre, que vive em favelas. Conforme Alba Zaluar e Marcos Alvitos (2004), as favelas se originaram com o grande processo de industrialização em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, etc. O processo de industrialização, por sua vez, fez com que as pessoas migrassem de cidades do interior, a procura de trabalho e de uma fonte de renda melhor. Com isso, essas pessoas foram construindo moradias em lugares não urbanizados, sem água, sem esgoto ou luz, ocasionando assim a precariedade nas cidades, e evidenciando a pobreza. Os favelados são como bodes expiatórios, pois suas existências mostram os diversos problemas das cidades. A fala de Carolina, na obra, representa todas essas pessoas que vivem à beira da sociedade sem nenhuma assistência. Como relata Daysene Costa:

Apesar de o diário de Carolina ter sido lançado nos anos 60, a sua escrita já evidenciava que era por si só a voz dos que estão à margem da sociedade, pois ela relata por diversas vezes, o abandono do poder público, mesmo seu livro não seguindo a norma culta de linguagem e sendo um manifesto contra a exclusão sofrida [...]. (COSTA, 2019, p. 36).

De certa forma, Carolina foi porta voz do povo da favela, e conforme Miranda (2013) aponta, ela impulsionou a cultura periférica, trazendo seus relatos como forma de resistência de uma mulher negra, que buscava através da escrita fazer denúncias e se consagrar como escritora. Mesmo sabendo que tinha pouco estudo, buscou mostrar as suas vivências em arte, quebrando paradigmas e vencendo preconceitos. Sua escrita é marcante, através dela, a escritora nos revela que residir em favela ou em lugares marginais, qualifica os

seres humanos que vivem ali como desprezíveis, só desempregados residem em lugares como esse:

nós somos pobres, viemos para a margem do rio. As margens do rio são lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se ver os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos (JESUS, 2020, p. 54).

São diversos os temas polêmicos que Carolina aborda em *Quarto de Despejo*, tais como: a miséria, o descaso político, a discriminação, a sexualidade, entre outros. Através da escrita, ela os transforma em instrumento de denúncia, luta e resistência. Uma das suas agonias evidentes, era residir na favela, dentro das condições de vida encontradas em seu interior, onde o cheiro da lama e do lixo a faz perceber que aquele não é o lugar ao qual se sente pertencida:

... às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2020, p. 37).

Esse trecho também nos revela a definição do nome da obra, como ela classifica o lugar em que morava. Carolina tinha o hábito de ler bastante e isso a diferenciava dos demais favelados, provavelmente por isso, tinha ampla percepção do mundo lá fora. Por conta do exercício da escrita, muitos dos favelados implicavam com Carolina de Jesus, pelo fato dela saber ler, mas, ainda assim, ela revela que “mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade” (JESUS, 2020, p. 16).

A autora de *Quarto de Despejo* foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que foi fazer uma reportagem sobre a expansão da favela, no rio Tietê, e chegando lá, deparou-se com Carolina, que tinha tanto a falar. Chegando ao barraco de Carolina, se depara com diversos cadernos escritos por ela. O jornalista ficou fascinado com tudo aquilo, afinal, ninguém melhor que um favelado para falar sobre seu próprio lugar. Em sua obra, a escritora relata vários acontecimentos do cenário político vivido, em que o pobre era o grande alvo do descaso social:

5 de junho... mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na assembleia. A sucursal do purgatório, porque a matriz é a sede do serviço social, no palácio do governo. Foi lá que eu vi ranger dos dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam com relação ao povo. (JESUS, 2020, p. 53).

No que diz respeito ao retrato político-social presente em sua escrita, Mallmann (2018), comenta que Carolina não tomava partido para a direita, nem para a esquerda,

porque devido ao descaso para com os favelados, ela percebia que os políticos só entendiam de pobreza nos tempos de eleições, quando os candidatos apareciam na favela para comprar os votos do pobre, sem se comprometer, de fato, em fazer algo por essa classe marginalizada.

Mesmo sendo uma mulher de pouco estudos, Carolina sabia como ninguém sobre a inflação e o quanto isso atingia o pobre, como ela mesma nos afirma, de forma bastante irônica:

8 de novembro... fui fazer compras no japonês. Comprei um quilo e meio de feijão, 2 de arroz e meio de açúcar, 1 sabão. Mandeï somar. 100 cruzeiros. O açúcar aumentou. A palavra da moda, agora, é aumentou. Aumentou! Isto me faz lembrar esta quadrinha que o Roque fez e deu-me para incluir no meu repertório poético e dizer que é minha:

Político quando candidato

Promete que dá aumento

E o povo ver de fato

Aumenta o seu o sofrimento! (JESUS, 2020, p. 134-135).

Outro aspecto muito importante em *Quarto de Despejo*, é a abordagem que a autora faz sobre a violência contra as mulheres, uma prática bastante comum na década de 60, que até hoje é recorrente em nosso dia a dia. Isso, inclusive, faz com que Carolina seja desacreditada em relação à vida conjugal, conforme ela expõe:

As mulheres já saíram, deixou-me em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. A minha porta atualmente é teatro. Todas crianças jogam pedras, mas os meus filhos são bodes expiatórios. Elas aludem que não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam a vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. (JESUS, 2020, p. 16-17).

Nesse trecho, observa-se que a violência é exorbitante, as mulheres das favelas são espancadas diariamente, sem ninguém para defendê-las. Esse é, por exemplo, um fato esboçado por Pereira (2019), que nos afirma que as mulheres negras, por viverem em condições de vulnerabilidade e não possuírem uma boa renda, são alvos de agressões. Em sua maioria, elas são as que mais sofrem com isso. Além de uma série de acontecimentos que se passam com os favelados, Carolina nos traz um discurso peculiar em suas narrativas, mostrando seu lugar de fala, e nos evidenciando diversos problemas sociais que ainda são bastantes atuais em nossa sociedade, por meio de sua escrita autobiográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos realizados sobre a marginalização da mulher negra na escrita autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo*, pôde-se perceber que as dificuldades enfrentadas por Carolina no seu dia a dia, não a fez desistir de lutar por dias melhores. Diante disso o trabalho também revela a importância da escrita literária de escritores que falam de lugares marginais, sobre a importância dessa escrita como instrumento de combate numa sociedade discriminatória, que ignora a muitos por serem negro(a)s e pobres, como se essas pessoas não tivessem nada de importante a dizer.

O contato desde cedo com a leitura, e com os livros literários, fez com que Carolina despertasse em si o desejo de escrever sobre sua vida, assim, suas experiências e o talento foram capazes de transformar suas vivências em literatura, por meio de palavras que sensibilizam. A vida de Carolina, sem a presença de alguém para dominá-la, e seus históricos de lutas, despertaram na escritora o ideal feminista negro. Tudo isso, somos capazes de perceber em seu diário.

Nesse sentido, cabe a cada um de nós, leitores, apreciar e perceber a vida e o lugar do outro, bem como as diferentes formas de existência e a poesia contida nelas. Em suma, a partir dos relatos feitos pela autora, percebe-se que não existe um modelo único de se produzir literatura, e que cada vez mais, as escritas marginais ganham espaço entre nós. A escrita de Carolina Maria de Jesus constrói e possibilita um lugar de fala à mulher negra, que com pouca instrução, desenvolve habilidade de escrita. Através da sensibilidade com que narra a si e à favela, percebemos o teor estético de sua produção. É importante, portanto, ouvirmos as vozes dissonantes, e a literatura tem sido porta voz e palco para que o mundo as ouça.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Pedro Galas. **Trato desfeito**: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) -Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BAIRROS, Luíza. Nossos feminismos revisitados. In: RIBEIRO, Matilde (Org.). Dossiê Mulheres Negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 3, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **O Direito a Literatura**. Vários escritos, 5ª ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CATRACA LIVRE, “**Quero Carolina Maria de Jesus como uma literata**”, diz Vera Eunice de Jesus no **Guia Negro Entrevista**. 22 de out. de 2020. 1 vídeo (22 min 41 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a-hs5HUYdwQ>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

COELHO, Danísia Sousa. **Lugar de fala e população LGBTQI+**. 2020. 48f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Fаметro, Fortaleza, 2020.

COSTA, Daysene de Araujo. **Apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social: uma análise da obra quarto de despejo**. 2019. - Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Graduação em Biblioteconomia, Fortaleza, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução livre. Plataforma Gueto, 2013.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 3. ed. Tradução Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escrita do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MALLMANN, Alda Cristina. **Perspectivas de Carolina Maria de Jesus**: uma análise de Quarto de despejo em seu contexto histórico. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; **Os Caminhos Literários de Carolina Maria de Jesus**: experiência marginal e construção estética. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2013.

PEREIRA, Ana Raquel Ramos de Assis. **A “Outra” negra**: a falácia da igualdade a partir de uma análise da subalternidade de raça e de gênero e seus reflexos em Quarto de Despejo. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **SUR**: Ensaios, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Lara Gabriela Alves dos. **Carolina Maria de Jesus**: análise identitária em Quarto de despejo - diário de uma favelada. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. Memória, autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida. In: Hermenegildo Bastos; Adriana de F. B. Araújo (Org.). **Teoria e prática da crítica literária dialética**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2011.

ZALUAR, Alba; ALVITO Marcos. **Um Século de Favela**. 4ª ed. Rio de Janeiro; FGV, 2004.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via atlântica**, n. 14, p. 11-22, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 9, 10, 11, 27, 147, 151

Atuação presencial 152

C

Carolina Maria de Jesus 36, 37, 41, 42, 43, 47, 48, 49

Clarice Lispector 50, 51, 52, 53, 54, 55

D

David Gonçalves 56, 59, 61, 63, 64

E

EaD 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 239

Educação escolar indígena 197, 207, 208, 209

Educação estética 164, 165, 166, 170, 171, 173, 174, 175, 176

Ensino de línguas 105, 106, 107, 114, 138, 213, 216

Ensino remoto 213, 216

Escrita 1, 2, 27, 28, 34, 36, 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 60, 68, 71, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 115, 120, 135, 139, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 175, 186, 187, 205, 208, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 226, 227, 232, 243, 245

F

Formação de professor 128

G

Gil Vicente 1, 2, 3, 5, 6

I

Interdisciplinares 142, 150

L

Letras 2, 6, 15, 24, 26, 27, 34, 35, 48, 54, 64, 74, 114, 129, 132, 133, 136, 150, 151, 157, 168, 195, 196, 212, 213, 223, 228, 229, 230, 232, 234, 249, 251

Linguística 89, 93, 96, 105, 106, 112, 114, 140, 148, 154, 186, 187, 188, 189, 191, 196, 205, 213, 216, 226, 243, 244, 249, 251

Literatura Afroamericana 24, 34

M

Memória 49, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 71, 174, 187, 197, 200, 203, 211, 212

Metodologias ativas 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 215, 225

Mulher negra 30, 33, 36, 37, 40, 42, 44, 47, 146

P

Pedagogia moral 164, 165, 166, 170, 175

Práticas 24, 64, 69, 84, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 97, 109, 113, 116, 131, 132, 133, 137, 138, 140, 168, 169, 177, 182, 184, 185, 187, 193, 194, 198, 202, 205, 206, 207, 218, 219, 225, 239, 249

S

Segunda língua 108, 155, 197

T

Teorias 7, 77, 83, 112, 115, 137, 181, 201, 235, 245


Transdisciplinar 227, 241, 243

V

Violência 17, 22, 46, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 60, 134, 146, 147, 148, 149, 150, 210, 244


W

Woody Allen 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15

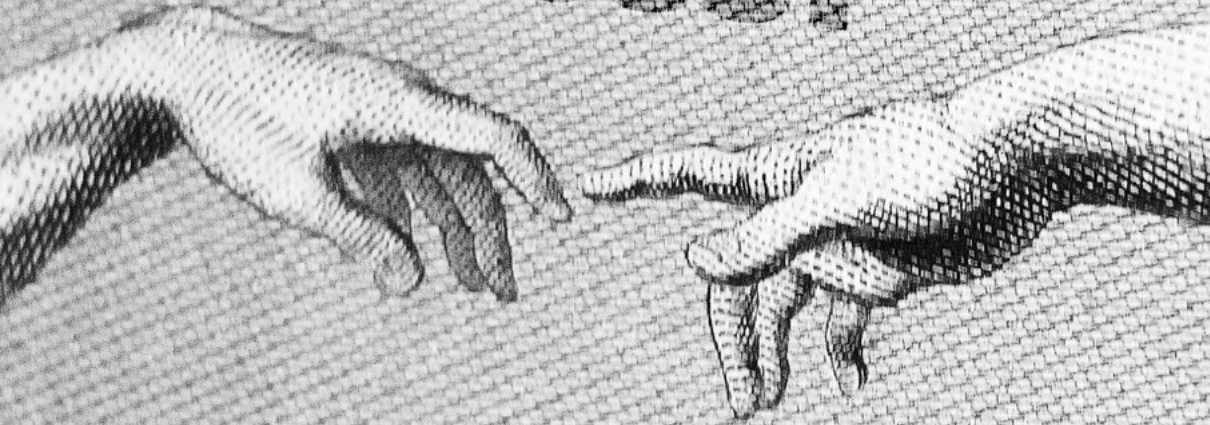
www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Linguística, letras e artes:



**Teorias e práticas interdisciplinares
em espaços educativos**


 **Atena**
Editora

Ano 2021

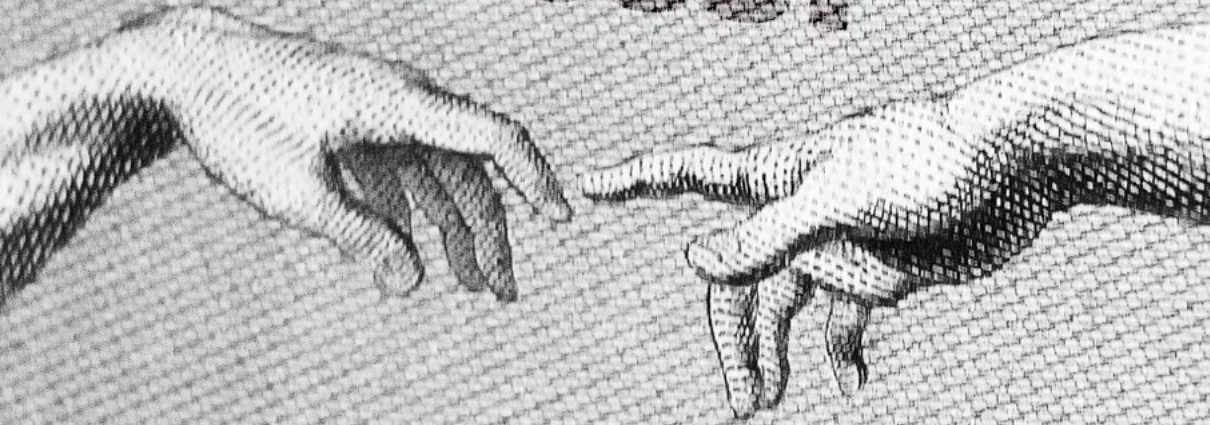
www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Linguística, letras e artes:



**Teorias e práticas interdisciplinares
em espaços educativos**

 **Atena**
Editora

Ano 2021